Capitulo 9: questões teóricas do feminismo dos anos de 1970

> Las *mujeres piensan y pensaron desde tiempos immemoriales; desde el advenimiento del feminismo, sin embargo, no solamente piensan más sino que también piensan acerca de lo que piensan; vale decir, han adquirido um nível metateórico que les permite clasificar y canonizar sus propias ideas*.[1]

O feminismo, discutido nos anos de 1970, entre mulheres do campo marxista[2] ou simpatizantes, foi entendido, desde os primeiros encontros, como um movimento político contra a opressão das mulheres. A partir de então, estendeu-se a idéia de que a opressão se dá contra todas as mulheres e se expressa tanto nas estruturas econômicas e sociais assim como na superestrutura, nos aspectos ideológicos, culturais e políticos. Assume formas diversas conforme as classes sociais, os grupos étnico–raciais e a conjuntura política de cada país e região. É um movimento que questiona as relações desiguais de poder, luta contra a discriminação histórica e a exploração de grupos de pessoas sobre outras. Contrapõe-se radicalmente contra o patriarcado. Adrianne Rich[3] assim explica o patriarcado:

> *... um sistema familiar e social, ideológico e político no qual os homens, por meio da força, da repressão direta, dos rituais, da tradição, da lei, da linguagem, dos costumes, dos rótulos, da educação e da divisão do trabalho determinam qual é ou não o papel que as mulheres devem interpretar com o objetivo de estarem em todas as circunstancias submetidas aos homens.*
> *O poder patriarcal é exercido não somente sobre as mulheres, mas também sobre outros grupos humanos a partir de condições ou características desvalorizadas socialmente, como pertencer a certos grupos de idade (jovens, crianças, idosos) a origem étnica (indígenas, orientais, negros, entre outras), a orientação sexo-afetiva (lésbicas, bissexuais), condições de saúde, entre outros.*[4]

---

[1] BRAIDOTI, Rosi. Feminismo, Diferencia Sexual y Subjetidad Nómade. El sujeto en el feminismo. Gedisa Editorial, Barcelona, Espanha, 2004.P.19

[2] Marxista são pessoas que aderiram ao pensamento de Karl Marx (1818 – 1883) adotando o método do materialismo histórico para análise da realidade sob uma perspectiva igualitária e justa. Ele era filosofo, economista e escreveu obras clássicas como "O CapitaL"

[3] Adrianne Rich (1929-2012) era professora, escritora e feminista dos Estados Unidos. Participou ativamente da luta em defesa do povo palestino.

[4] *Mulheres Jovens e Direitos Humanos. Manuela de Capacitação em Direitos Humanos das Mulheres Jovens e a aplicação da CEDAW.* Rede Latino-americana e Caribenha de Jovens pelos Direitos Sexuais e Reprodutivos – REDLAC e Programa Mulher, Justiça e Gênero, ILANUD, 2002.

O feminismo nasceu da necessidade histórica das mulheres que, a partir de experiências individuais e coletivas começaram a se rebelar contra a dominação. Propõe a transformação social, econômica, política e ideológica no sentido de se conquistar dignidade, igualdade e liberdade para mulheres e homens. É um movimento político, libertário, capaz de defender a igualdade de condições, oportunidades e direitos entre mulheres e homens, em todos os campos da vida e do trabalho, seja no âmbito privado ou público. O feminismo, assim compreendido, é um movimento internacional, solidário a todas mulheres que ousaram se rebelar contra poderes solidamente organizados, sem temer as duras conseqüências de suas atitudes revolucionárias e audaciosas.É um movimento, capaz de se indignar, no cotidiano, contra todas as formas de injustiça, opressão e submissão.Miriam Botassi (1947 – 2000)[5], feminista desta época, definia o feminismo como

> *...um conjunto de idéias e práticas radicais que tenham o poder de subverter, mudar, transformar as idéias e práticas patriarcais que vivemos. Se entendemos que o sistema se organiza por um conjunto de instituições sociais, econômicas, jurídicas e culturais que atuam para preservar o poder do patriarcado – seja no capitalismo ou no socialismo - , temos que ir ganhando a noção de como nos relacionar com as instituições, mantendo nossa liberdade de pensar e exprimir idéias radicais e formas autônomas de organização.*[6]

O feminismo , como um movimento de idéias e ações, se consolida e se transforma no decorrer da historia. Estudos sistematizaram e organizaram as experiências, idéias e propostas feministas nos diferentes momentos históricos, classificando-as em *ondas,* como forma de analisar seus avanços e seus recuos. Há inúmeras maneiras de se conceituarem as ondas do feminismo e de classificá-las. Adotamos aqui a classificação mais simples e usual que divide o movimento feminista em duas ondas , sendo que a primeira se estende do inicio do século XIX e vai até meados do século XX e a segunda é compreendida no período de 1960 em diante, podendo chegar até os dias de hoje. Na medida do possível procuramos trazer as questões teóricas levantadas nos anos de 1970 a 1980.

A primeira onda levantou bandeiras fundamentais para o enfrentamento da discriminação milenar contra as mulheres tais como o direito de ler e escrever[7] , de votar. Esta onda é conhecida como *sufragista,* pois o direito de participação política por meio do voto foi uma reivindicação que unificou os diversos movimentos. Por sua vez, o sufragismo foi um legado que se deu a partir das experiências das mulheres na revolução francesa, evento ocorrido nas últimas décadas do século XVIII, sob a égide do iluminismo, conhecido como a *era da razão.* Este movimento consolidou o poder político da burguesia e se estendeu por diversos países e regiões. Sob a bandeira da *igualdade, liberdade e fraternidade*, as mulheres participaram intensamente das ações revolucionárias. Mas quando a revolução conseguiu a vitória, foram

---

[5] Miriam Botassi foi uma ativista feminista de grande liderança nos anos de 1970 no Brasil e na região. Foi fundadora do CIM – Centro Informação Mulher, que tem o maior acervo de documentação feminista da América Latina.Fez parte da coordenação do 5º. Encontro Latino-americano e Caribenho, em Bertioga (SP), em 1985.

[6] Apresentação de Miriam Botassi, em 1988, no Seminário do NEIM (Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher) da Universidade Federal da Bahia, in Breve História do feminismo, p.165.

[7] A primeira legislação que permitiu às mulheres de freqüentar a escola primária se deu em 1827 no Brasil. (N.A.)

negados os direitos às mulheres. Não foi reconhecida a igualdade entre os sexos e sequer foi inscrito no seu programa político o direito de voto para as mulheres . Houve protestos e uma de suas líderes, Olympe de Gouges, foi guilhotinada, em 07/11/1793, por defender *os direitos da mulher e da cidadã* e elaborar uma declaração nesse sentido..*A*s mulheres feministas buscaram as causas de sua opressão. Perceberam que a discriminação histórica na qual viveram e ainda vivem , deve ser enfrentada e transformada pela ação das próprias mulheres, mobilizadas e organizadas. São as mulheres rebeladas que irão construir as mudanças necessárias para transformar esta realidade de submissão e discriminação em autonomia, participação e protagonismo. O movimento sufragista trouxe em seu âmago, pelo menos, duas tendências políticas. Uma acreditava que bastava lutar pelo direito de voto e a outra corrente pensava ser necessário também lutar por transformações nas instituições como a família, a religião e, com menos ênfase, tratava também da sexualidade. Com a conquista do voto feminino, o movimento sufragista se dispersa e acaba desaparecendo do cenário político. No Brasil, o voto feminino é uma conquista só obtida em 1932. Mas desde o inicio do século XX encontram-se várias greves operárias dirigidas por mulheres que reivindicam direitos trabalhistas como redução da jornada de trabalho, igualdade salarial[8]. A *Federação Brasileira pelo Progresso Feminino*, criada em 1922 pela feminista Bertha Lutz junto com outras mulheres, propunha-se a defender bandeiras tais como promover a educação da mulher e elevar o nível de instrução feminina; proteger as mães e a infância; obter garantias legislativas e práticas para o trabalho feminino , dentre outras. Como se vê , dentro da primeira onda, houve também um movimento de mulheres junto aos sindicatos operários com reivindicações mais voltadas para o direito ao trabalho e melhores condições para exercê-lo. No século XIX , o socialismo[9] passa a ser um projeto político de trabalhadores e conta com a participação de trabalhadoras. No projeto político do socialismo, acreditava-se que com a igualdade garantida a questão das mulheres estaria resolvida. Mas no campo teórico socialista ainda falta, mesmo nos dias atuais, uma análise sobre a situação da mulher.

> *...do mesmo modo que Marx constrói um sistema teórico que procura explicar a existência de classes sociais antagônicas e de desigualdades sociais, faz falta uma análise sociológica sistemática da condição da mulher. O grande salto do iluminismo foi afirmar que as desigualdades sociais eram produto da sociedade. O socialismo desenvolve a análise que permite mostrar os mecanismos que sustentam as desigualdades entre homens e mulheres; mas apesar dos seus propósitos e descrições, fica subjacente que há algo "natural" nesta desigualdade*.[10]

Ao tratar, de forma subjacente, as desigualdades entre homens e mulheres, como se fossem algo *natural* e, portanto, menor, o socialismo acabou por enfrentar a questão da mulher, enfatizando apenas os aspectos econômicos. Assim, elas continuaram marginalizadas por falta de uma estratégia política, econômica, social e cultural que erradicasse a exclusão das mulheres nas diversas áreas. Heleith Saffioti escreveu, em 1967, um artigo sobre as mulheres no socialismo[11]. Aqui destacamos um trecho em que ela avalia a real condição das mulheres na antiga URSS:

---

[8] TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve História do Feminismo no Brasil.* Editora Brasiliense, São Paulo, 1993, p. 43,44.

[9] Socialismo – sistema político que tem como objetivo central a igualdade social e econômica tendo no poder político e econômico a classe trabalhadora. (nota das autoras)

[10] ASTELARRA, Judith. P.17. (tradução livre)

[11] Revista *Lutas Sociais,* Programa de Estudos Pós-graduados da PUC-SP, dezembro de 2011.P.97

...No que concerne aos direitos, a mulher se coloca na mesma posição que o homem. Seus deveres, porém, são inegavelmente mais numerosos. Apesar do grande esforço, o número de creches é ainda insuficiente para absorver todas as crianças cujas mães desempenham função produtiva...

A segunda onda inicia-se nos anos de 1960 e foi impulsionada por mulheres dos movimentos estudantis e libertários e que tiveram o momento culminante em 1968. Trouxeram questões políticas, econômicas, mas também culturais. As pessoas e suas subjetividades se convertem numa das preocupações relevantes das reflexões coletivas. Isto não implica necessariamente em deixar de lado as idéias marxistas nem suas proposições políticas. Mas, destacam-se também suas limitações teóricas que não respondem de modo satisfatório às novas questões colocadas. Simone de Beauvoir[12] já havia escrito o livro *Segundo Sexo*, em 1949, no qual denunciava a construção social da desigualdade entre os sexos. Escreveu, nele, sua frase famosa que tem sentido até os dias de hoje:*Não se nasce mulher, torna-se*. Mas o momento é do pós guerra, o movimento repercute pouco às novas propostas feministas da filósofa francesa. No entanto, a escritora norte-americana, Betty Friedam, ao lançar o livro *A Mística da Feminilidade*, em 1963, provoca uma reação tanto de simpatia como de repúdio. Nunca foi tão usado a expressão *mal-amadas* para ser referir às feministas como naquele momento. Mas mobilizou mulheres que já se rebelavam contra o machismo.No livro, ela demonstra a insatisfação das mulheres estadunidenses com o seu cotidiano enfadonho, repetitivo, o que as tornavam depressivas, alcoólatras e muito ansiosas. A razão disso aponta a autora é que a cultura patriarcal as impede de se realizarem enquanto pessoas. A partir de denúncias como estas, mobilizaram-se mulheres de diversas partes que passaram a reivindicar o direito de ser ou não ser mãe, o direito de decidir sobre o próprio corpo, o direito ao aborto, o direito de decidir sobre suas vidas e seu trabalho. Passam a exigir com ênfase a independência e autonomia. No aspecto teórico, colocam uma questão inovadora e instigante que se torna um dos princípios do feminismo: *o pessoal é político*. Assim o feminismo traz para a cena publica o mundo privado. A política não acaba dentro de quatro paredes da casa onde se vive a família pois ali também as relações entre homens e mulheres são pautadas pelas desigualdades de poder, de responsabilidades, de direitos e deveres. Demonstram com exemplos concretos que são imprescindíveis a liberdade e a coerência, na rua e em casa. O direito a livre expressão de suas idéias, opiniões e desejos são as propostas feministas. Subvertem a ordem e transgridem os costumes. Continuam a reivindicar direitos políticos, mas também querem direitos sociais, econômicos e culturais. .

Na America Latina, as mulheres logo criaram movimentos em busca da sua libertação, pelo fim da discriminação. As mulheres se integraram aos movimentos de luta contra as ditaduras da região e proclamaram uma revolução cultural e sexual. Os dois jornais feministas, *Brasil Mulher e Nós Mulheres*, situam-se justamente neste período, de 1975 a 1980, momento da retomada do feminismo, no contexto da segunda onda. Havia, então, vários projetos societários em disputa, alguns antagônicos em luta pela hegemonia. Como não poderia deixar de ser, tais projetos influíram nas escolhas

[12] Simone de Beauvoir (1908 a 1986) escritora e filósofa francesa que trouxe contribuições teóricas para o feminismo.(N.A.)

políticas, nas práticas das feministas e na deliberação das estratégias políticas. Fundamentaram-se em bases teóricas que se expressaram nacional e internacionalmente.

No Brasil, se ainda era muito restrita a produção teórica feminista, na prática, as mulheres trouxeram inovações que nunca haviam sido apresentadas antes de maneira tão mobilizadora. Desafiaram a ditadura militar, o conservadorismo de uma sociedade silenciada pela censura, pela violência do estado, os preconceitos tão arraigados numa sociedade formada pelo trabalho escravo, e ainda com grande parte da esquerda que não conseguia perceber a importância de incluir o projeto feminista em suas estratégias políticas. O que as feministas propunham era uma diversidade de temas emergentes como a educação diferenciada, as desigualdades no mercado de trabalho, sexualidade, violência doméstica, aborto, autonomia . Mas não era só isso. Misturavam, na prática, ações junto às massas[13] como irem às periferias ou favelas, conversar com mulheres do povo, nas portas de fábricas ou nos sindicatos, mas também participar de grupos de reflexão sobre sexualidade, aborto e outros temas feministas. As reivindicações se confundiam com o desejo de mudar a vida, as relações afetivas, a maneira de vivenciar sua sexualidade, a família. Ao colocarem-se dessa forma seu fazer político, as feministas põem o cotidiano no cenário político social.

De forma mais expressiva nessa época , tornam-se mais visíveis as posições de resistência de intelectuais à ditadura, o que transparece de forma política, nas reuniões anuais da SBPC – Sociedade Brasileira de Progresso da Ciência. Intelectuais feministas como Heleieth Saffioti, Maria Malta, Eva Blay, Fulvia Rosemberg, entre outras, apresentavam seus trabalhos nas mesas redondas, colóquios, plenárias amplas e simpósios com enfoque na questão da mulher. Como era proibida e muito perseguida pela repressão política, a SBPC tornou-se, paulatinamente, um fórum de debate de ciências sociais. Foi perdendo, então, seu caráter de *ciência dura*, ao ampliar a participação de intelectuais das ciências humanas. Passou a ser um palco político de debates dos problemas sociais, dentre eles o feminismo. Abriu espaços para integrantes dos movimentos sociais travarem diálogos com intelectuais acadêmicas.

Na 29ª. reunião da SBPC, ocorrida na PUC-SP, em 1977, houve uma mesa redonda sob o título *Implicações da pesquisa sobre problemas da mulher no Brasil*, que tratou de tópicos como contradições de classe versus contradições de sexo, com a participação das sociólogas Heleith Saffioti e Maria Malta Campos.. Elas concluem que

> *...A recusa da discussão de problemas relativos à condição feminina, tendo em vista a existência de problemas maiores, seria apenas uma tentativa de evitar o estudo das questões das mulheres.*[14]

Nesta mesma reunião houve um curso sobre a *Mulher e o Trabalho,* apresentado por Carmem Barroso, Guiomar Namo de Mello , Marilia Graziano, Marta Suplicy, Fulvia Rosemberg, com a participação de 40 pessoas.

---

[13] Massas aqui tem o sentido de mobilização dos segmentos populares . (N.A.)

14 (BM, no. 8, 1977, mês de agosto, p.13.

Em 1968, Heleieth Saffioti[15], apresentou na SBPC, dois trabalhos sobre a questão da mulher. São eles: *O trabalho como atividade alienadora para o homem e a mulher nas sociedades de classe* e *A condição da mulher na sociedade de classes*[16].

O principal caráter da SBPC, neste momento histórico, foi o de resistência à ditadura, por meio de denúncias sobre a repressão na universidade, o que foi muito importante naquela conjuntura, em que a repressão política expulsou os nossos mais críticos e capazes intelectuais. Esta resistência aparece nos estudos e trabalhos ali apresentados, cuja matriz teórica está centrada nas temáticas: classe social, trabalho e resistência política. Intelectuais de esquerda de diferentes matizes discutem sob diversos ângulos a teoria marxista e o método dialético aplicado aos temas da atualidade. As estudiosas da questão da mulher, em contraposição ao pensamento conservador que preconizava a conformidade da mulher com seu destino de mãe e esposa, priorizavam análises teóricas com o enfoque marxista.

O *Brasil Mulher* cobriu as reuniões da SBPC - eventos importantes na história da resistência política e intelectual - do período, dedicando grande espaço para tal tema, o mesmo não aconteceu com o *Nós Mulheres* onde não há nenhuma referência a estas reuniões.

Outra inferência teórica, observada é a opção das militantes da academia de privilegiar nos anos de 1975 a 1980, entre outras questões, o trabalho feminino fabril. Esse enfoque dado ao mundo do trabalho está vinculado à tendência, na academia, nas áreas da sociologia, para os estudos sobre o movimento operário, influenciada pela herança da tradição marxista, cuja preocupação é de identificar os signos da opressão masculina e capitalista sobre as mulheres, numa perspectiva de classe social. Até o final dos anos de 1970, quando se falava de movimentos sociais e da discriminação contra as

---

[15] Heleieth Saffioti (1934 – 2010), uma das primeiras feministas brasileiras da segunda onda e a primeira teórica feminista desse período.

[16] *Brasil Mulher*, no, 9, outubro de 1977.

mulheres, em encontros, seminários e reuniões acadêmicas, era essa a vertente teórica adotada pelas pesquisadoras e estudiosas das questões da mulher, de orientação não conservadora.

Somente no início da década de 1980, os estudos acadêmicos sobre o movimento social que, ressurgiu naquele momento histórico, passam a dar visibilidade à atuação das feministas e as novas formas de enfrentamento das questões sociais, políticas e econômicas, colocando em cena novos desafios teóricos. O movimento popular de mulheres põe em evidência as questões do cotidiano, que passam a ser objeto de estudo, modificando o foco das análises acadêmicas a partir de então.

Maria da Glória Gohn [17]escreve que predominaram, nos anos de 1970, as análises de cunho marxista para o movimento social influenciadas pela corrente franco-espanhola de Castells[18].

A experiência acumulada nessa época, pelos movimentos social e sindical, será objeto de estudos e pesquisas quando, na academia, escreve-se, ainda de forma tímida, sobre as experiências no exílio e sobre temas do cotidiano.

O paradigma marxista adotado enfatizava os aspectos relacionados à base econômica da produção da vida material ressaltando, nos estudos sobre a mão de obra feminina, as questões da reprodução da força de trabalho, do consumo coletivo, da importância estratégica dos movimentos para mudanças no próprio estado capitalista, como mostra Gohn :

> *..tudo isso coadunava com as diretrizes gerais das análises marxistas para compreender a realidade social. Isso fez com que alguns pesquisadores exaltassem as novas práticas em termos de ações*

---

[17] GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos Movimentos Sociais:paradigmas clássicos e contemporâneos.* Editora Loyola, São Paulo, 1997.p. 282.

[1818] CASTELLS, Manuel. *Movimientos sociales urbanos.* Madrid,Siglo XXI, 1974.

pioneiras e a categoria teórica básica realçada era a da autonomia" .

No Brasil, o livro de Heleieth Saffioti, escrito de dezembro de 1966 a fevereiro de 1967, que corresponde a sua tese de livre docência, defendida na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, de Araraquara, hoje UNESP (Universidade do Estado de São Paulo), publicado, pela primeira vez, em 1969, focaliza a condição e a posição da mulher na sociedade de classes. Refere-se à condição da mulher no Brasil, analisa a formação histórica e a organização social do país, pano de fundo da condição feminina, focalizando, quanto a esta temática, sobretudo, o trabalho e a educação. Elabora, também, uma reflexão teórica entre a sociedade capitalista e as representações das mulheres. Questiona o conjunto de mitos que situam a mulher num plano inferior àquele em que está colocado o homem e explica essa inferioridade, utilizando as categorias de análise marxista e o método dialético.

A literatura básica de feministas pertencentes aos dois jornais era Alessandra Kollontai[19], Clara Zetkin[20], ambas marxistas, e feministas anarquistas como Emma Goldman[21]. Na época também foi lido e discutido em grupo, por integrantes do Brasil Mulher, A *invisibilidade do trabalho doméstico,* de Isabel Larguia (apostila), algumas ativistas leram capítulos de *Origem da Família, da Propriedade e do Estado, de* Engels[22] e outras chegaram a levar em reuniões reprodução xerográfica de um livro de autoria de um coletivo de mulheres chinesas, com o nome *Metade do Céu.* . Muitas das militantes da esquerda revolucionária ou de áreas próximas dessas organizações tiveram vivência no exterior, como exiladas ou não, e puderam como mostra Moraes[23]

---

[19] Alexandra Kollontai, intelectual , marxista, nasceu em São Petersburgo (Russia) em 19/03/1872 e morreu em 9/3/1952. Teve intensa participação na revolução russa de 1917.

[20] Clara Zetkin, comunista alemã nasceu em 05/07/1857 e morreu em 20/06/1933.

[21] Emma Goldman nasceu em 27/06/1869 e morreu em 14/05/1940 em Toronto (CA). Viveu nos Estados Unidos, onde tornou-se conhecida por ser anarquista, escritora e conferecista.

[22] Friederich Engels nasceu em 28/11/1820 e morreu em 05/08/1895. Foi o teórico revolucionário, alemão, que junto com Karl Marx criou o socialismo cientifico.

[23] Utilizaremos neste trabalho, a tese de livre docência intitulada **Vinte Anos de Feminismo,** defendida em 1996, e outros trabalhos desta mesma autora sobre esse período. Militante feminista do Círculo de Mulheres de Paris, do Grupo Debate, foi quem, na academia, estudou e escreveu sobre este período, com muita propriedade. Tenho recorrido aos escritos de Maria Moraes, por considerá-los muito importantes para a compreensão do "novo feminismo brasileiro".

travar conhecimento não somente com as lutas feministas européias como, também, com valores e estilos de vida bem mais igualitários e civilizados do que os valores e costumes pátrios (p: 9).

O feminismo dessa conjuntura incorpora o discurso da igualdade, prioritariamente, valorizando a luta pelo direito ao trabalho, à saúde ou à posse da terra, as melhores condições de vida e demais lutas no campo da cidadania e dos direitos sociais. Ao questionar a divisão sexual do trabalho, a educação diferenciada, a subordinação das mulheres aos homens na casa e no mercado de trabalho, a violência doméstica , começa-se, simultaneamente, a assumir um discurso crítico da prática política e pessoal, sob a ótica da diferença e da eqüidade. Elisabeth Lobo escreve sobre esta questão e faz a seguinte síntese[24]:

...na raiz das desigualdades estão diferenças na construção de práticas masculinas e femininas, que são históricas e culturais....

A raiz marxista do novo feminista brasileiro (1975-1980)

A proposta de elaborar um marco teórico próprio, adequado para descrever os mecanismos de opressão das mulheres tem sido uma das prioridades dos grupos feministas. As mulheres de esquerda viram que o marxismo, em todas suas vertentes políticas, encontrava-se inadequado para responder a grande quantidade de perguntas que faziam em seus movimentos. [25]

A matriz teórica marxista orientava os estudos sobre a questão da mulher na época,mas a vanguarda da esquerda brasileira dos anos de 1975-1980 era avessa às interpretações marxistas oriundas do movimento comunista internacional, oficializado e tutelado pela então URSS[26] e pelos partidos comunistas. A matriz teórica marxista do chamado novo feminismo brasileiro, construida a partir de 1975, é crítica, portanto, às leituras marxistas de cunho economicista.

---

[24] LOBO, Elisabeth Souza. *A Classe Operária Tem Dois Sexos.* Editora Brasiliense, São Paulo,p.257.

[25] ASTELARRA, Judith. Libres e Iguales? Havana, Cuba, Editora Ciencias Sociales, 2005, p.45. (tradução livre feita pelas auoras)

[26] URSS – União de Repúblicas Socialistas Soviéticas , fruto da revolução russa que durou de 1922 a 1991.

Engels afirmou que a desigualdade entre os sexos foi o primeiro antagonismo que apareceu na sociedade humana. Lenin[27] o segue e fortalece esta posição ao confirmar que a *mulher foi escrava antes que o escravo existisse.* Engels acreditava que só o socialismo poderia libertar as mulheres da dominação masculina, pela inserção no mercado de trabalho, como trabalhadora livre, sem a exploração de classes. Ele destacou a relevância da relação entre classes sociais e a opressão das mulheres, o que torna esta afirmação, objeto de polêmica no feminismo. Estaria Engels priorizando a luta de classes? Na realidade, ele procurou mostrar que a opressão das mulheres não é um fato *natural* mas sim um fato sócio-histórico e cultural, com causas econômica e social determinadas. Idéia que se fortalece com o tempo e bastante usada por feministas dos diversos matizes políticos.

A crítica mais conhecida e freqüentemente reiterada aos marxistas, pelas feministas, incidia sobre um pretenso desprezo pelas questões relativas às mulheres. Além desse menosprezo pela condição das mulheres, acusavam as feministas que, quando os clássicos do marxismo se dignaram a abordar o assunto, o fizeram, deixando de lado sua especificidade, reduzindo a condição de opressão das mulheres a uma questão puramente econômica, confundindo as origens de sua opressão com as origens da sociedade capitalista

Zuleika Alambert (1980), feminista marxista, segundo ela própria se definia, militante e membro do Comitê Central do então Partido Comunista Brasileiro, responde às criticas :

> *(...) tais críticas não correspondem à verdade, pois os marxistas em todos os tempos sempre se preocuparam com o tema e por isso o vasto material produzido por eles. (...) Além disso, acrescentaríamos que eles*

[27] Vladimir Ilitch Lenin nasceu em 22/04/1870 e morreu em 21/01/1924. Foi um dos principais lideres revolucionários da Revolução Russa de 1917.

> *não só se preocuparam com o assunto como lhe deram uma interpretação científica, ao afirmar que a questão feminina é uma questão social e só como tal poderá ser resolvida. (p:105*).

Há, ainda, na obra de Engels, uma importante crítica ao casamento monogâmico, garantidor, na sociedade burguesa, da herança que permite a concentração crescente do capital nas mãos das famílias burguesas. Afirma, assim, Engels que a monogamia, na sociedade capitalista, é apenas uma obrigação feminina, pois são dadas aos homens, pela dupla moral vigente, justificativas para a poligamia. Denuncia o casamento burguês como uma espécie de prostituição legal e defende uma sociedade conjugal na qual o aspecto econômico seja abolido. Isto só seria conseguido plenamente na sociedade socialista, segundo ele. A mulher poderia se liberar de casamentos oportunistas, no momento que ela se integrasse na produção e as tarefas domésticas fossem coletivizadas.

As reflexões de Engels foram fundamentais para mostrar que a monogamia não representa um avanço em relação à poligamia, devido a dupla moral burguesa e as relações desiguais de poder decorrentes da propriedade privada, que contaminam todas as relações humanas. Mas, no entanto, não conseguem explicar aspectos importantes da relação familiar por não incluir em sua análise as relações desiguais de poder dentro da própria família. Assim, a monogamia e o patriarcado, não só se mantiveram, como foram agravados com o advento da indústria moderna. A entrada da mulher na produção coletiva, foi transformada pelo capitalismo em mais uma forma de opressão e super exploração da mulher. Engels também não reconheceu o trabalho doméstico como parte do processo de produção capitalista, pois não lhe atribuiu valor de troca.

Nos dois jornais, *Brasil Mulher* e *Nós Mulheres*, havia um objetivo muito claro de direcioná-los, fundamentalmente, para as mulheres trabalhadoras, as operárias, assalariadas que se constituíam, como exemplos para as donas-de-casa, incentivando de forma sistemática as mulheres do movimento dos bairros e das demais camadas populares a se inserirem no mercado de trabalho, por acreditarem que essa inserção exerceria um papel fundamental no processo de transformação da consciência política

dessas mulheres e da sociedade capitalista.

A libertação das mulheres não se faria antes da libertação de todos os setores explorados da sociedade. Para compreender o quanto a inserção das mulheres no mercado de trabalho, foi importante para as feministas socialistas, basta observar o número de matérias sobre as trabalhadoras, a dupla jornada de trabalho, publicadas nas edições dos dois jornais. Como vimos, a idéia de emancipação feminina proposta por Engels, Marx e Lênin e pela maior parte dos teóricos marxistas, privilegia a integração da mulher na esfera da produção como condição *sine qua non* para sua libertação. Muitos desses autores defendiam a idéia de que a abolição da propriedade privada conduziria à emancipação das mulheres, quase que por um passe de mágica. Com esta compreensão do problema, justifica-se colocar num segundo plano as lutas das mulheres, o que já foi exaustivamente discutido e contestado na literatura feminista. Não é possível superar a discriminação histórica contra as mulheres somente com intervenção econômica. Torna-se necessário tratar da subjetividade e das questões da intimidade.

Ao deixar de enfatizar as conseqüências do modelo patriarcal, na subjetividade de homens e mulheres, subestima-se a força das tradições culturais e ideológicas machistas, que não serão resolvidas com apenas as mudanças na base econômica da sociedade. Para este estilo de pensamento, a subordinação das mulheres aos homens é opressiva sim, mas somente na sociedade de classes. Consequentemente, não acreditam na organização autônoma das mulheres, o que dividiria a luta da classe trabalhadora pela superação da sociedade capitalista. Seria, portanto, uma dispersão de energias e de forças.

Por outro lado, é inquestionável a importância da teoria marxista e do método dialético como ferramenta essencial para conhecer e agir sobre a realidade social, o

que pode oferecer um conhecimento científico e histórico das relações do capital, no processo de produção e reprodução da vida material imediata. Uma das críticas de caráter objetivo, baseada na constatação prática, é a de algumas vertentes do próprio feminismo socialista, que mostram não só a incorreção das premissas do materialismo histórico para a análise da subordinação das mulheres, mas a sua limitação, quando não associadas a outras análises marxistas complementares aos textos dos clássicos.

As criticas ao socialismo real, formuladas pelas feministas dos anos de 1970 são que este não considerava as causas originais da dominação feminina como fatores determinantes no impedimento fundamental à libertação das mulheres e da sociedade. Ao contrário, o socialismo real considerava a produção e a reprodução como fatores superpostos, ou seja, que podem ser tratados separadamente e desarticulados. As feministas já questionavam que a mudança da base material da sociedade não transformaria automaticamente a relação subjetiva. Essa desvinculação entre *produção* e *reprodução, -condições objetivas e subjetivas*, tem uma matriz cartesiana[28] e altusseriana[29], que já estava sendo negada nesta época, por algumas correntes do feminismo socialista.

Há um número significativo de autoras/es que situam o fenômeno do patriarcado no contexto da sociedade capitalista, e não conseguem lidar com esses dois fenômenos, de forma imbricada, enfatizando o privilégio de um, em detrimento do outro.

Uma delas, Shulamith Firestone[30], escritora e feminista radical que, afirmou que o *capitalismo é patriarcal*, reconhecendo também dois sistemas, um econômico (material, de

---

[28] Cartesiana – quando se refere a conceitos como cartesianos significa que este está sendo considerado como algo isolado da totalidade em que se encontra. (Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, Curitiba, 2004)

[29] [29] Althusser, filósofo de influência marxista, muito divulgado no Brasil nos anos de 1970. Ele faz uma divisão entre a estrutura e a superestrutura, tratando-as de forma isoladas entre si..

[30] Shulamith Firestone, nascida em Otawa, Canadá, em 07/01/1945 e morta em Manhatan, New York, em 28/08/2012, fez parte do movimento radical de libertação das mulheres, foi uma das mais destacadas teóricas do feminismo radical da segunda onda. Escreveu dentre vários livros: *dialética do Sexo,* no qual procurou adaptar a teoria de Marx e Freud, para analisar a opressão da mulher. Denunciou o capitalismo e o patriarcado e combateu a idéia de que a mulher é naturalmente submissa e dócil. *O natural não é necessariamente um valor humano,* ela disse. Outra frase dle, muito divulgada entre as feministas: *As desigualdades entre os sexos é tão profunda que se tornam invisíveis.*
Foi fundadora do primeiro grupo radical feminista de Nova York, em 2967, o *New York Radical Women.*

classes) e outro sexual (político-ideológico). Mas considerou os dois sistemas autônomos e se inspirou-se , em suas análises, na postura teórica altusseriana, que separa de maneira burocrática e desarticulada a superestrutura (os aparelhos ideológicos) da infra estrutura (a base material da sociedade). Desta forma, sua análise feita num grande esforço intelectual, quando tinha apenas 25 anos de idade, não chega a desenhar uma perspectiva política pra o feminismo.

Heleieth Saffioti, feminista e marxista, defende, de forma radical, que se deve- tratar todas as contradições básicas da sociedade como uma totalidade, regidas pelo patriarcado, racismo e o capitalismo, sem priorizar nenhum desses sistemas, tratando-as como um todo orgânico. Defende, ainda, a necessidade de se agir sobre a simbiose entre o patriarcado, o racismo e o capitalismo, atribuindo importância a essas três dimensões como se fosse um nó, contrapondo-se as teses que priorizam uma ou outra contradição. . Segundo a socióloga feminista

> *O importante é analisar estas contradições na condição de fundidas ou enoveladas ou enlaçadas em um nó. Não que cada uma destas contradições atue livre e isoladamente. No nó, elas passam a apresentar uma dinâmica especial, própria do nó. Ou seja, a dinâmica de cada uma condiciona-se à nova realidade, presidida por uma lógica contraditória.*[31]

Seguindo essa lógica de raciocínio, quando alguns autores consideram, isoladamente, como típica do patriarcado a dominação e as contradições do campo político-ideológico, e a exploração, como um fenômeno exclusivo das relações sociais e materiais de classes, dicotomizam, hierarquizam e negam a perspectiva de uma análise materialista e dialética, multideterminada, resvalando para análises fragmentadas, que não incluem o princípio da totalidade. Cada uma dessas contradições (classes, racismo e patriarcado), quando vistas

---

[31] SAFFIOTI, Heleieth I.B. – *Gênero, patriarcado, violência.* Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2004, p.124.

isoladamente, dissociadas, apresenta, uma dinâmica específica, porém o nó formado historicamente pelas três tem outra dinâmica. E esta nova dinâmica apresenta-se regida por uma lógica contraditória, ou seja, é preciso compreender essa articulação em sua totalidade para se poder enfrentá-la e, assim , conseguir construir uma sociedade igualitária democrática de homens e mulheres livres.

Saffioti identifica a articulação combinada entre capitalismo, patriarcado, raça e etnia, apresentando-a como um nó, e conclui

> *(...). De acordo com as circunstâncias históricas, cada uma das contradições integrantes do nó adquire relevos distintos. E esta mobilidade é importante reter, a fim de não se tomar nada como fixo, aí inclusa a organização destas subestruturas na estrutura global, ou seja, destas contradições no seio da nova realidade — novelo patriarcado-racismo-capitalismo, historicamente constituída*[32]

Shulamith Firestone apontava como uma das causas da subordinação das mulheres o processo reprodutivo. Os papéis distintos desempenhados por homens e mulheres na reprodução da espécie seriam, para ela, os fatores fundamentais de onde derivavam as causas que tornavam possível a dominação que os homens exerceriam sobre as mulheres. As desigualdades sociais e econômicos entre homens e mulheres que refletem no poder político, na identidade coletiva, na alteridade seriam resultado direto da maneira como se reproduzem os seres humanos.

As mulheres, por serem as únicas capazes de engravidar, amamentar permaneceriam amarradas às suas condições biológicas e assim, forçadas a depender dos homens. Conseqüentemente, Firestone propunha que para se obter a emancipação das mulheres, estas teriam necessariamente que derrotar o patriarcado o que daria a elas o controle sobre a reprodução.

---

[32] Ver a fonte?

Para ela, a meta do movimento feminista deveria ser não apenas a eliminação do privilégio do homem, mas, transformar o mecanismo da reprodução da espécie pela *reprodução artificial*, e assim conquistar a libertação das mulheres.

A crítica de Firestone baseia-se em sua concepção de patriarcado, que entende como uma simples engrenagem de controle da sexualidade feminina, sem compreender que a ideologia patriarcal impregna todas as instituições sociais. Foi dada demasiada importância, por muitos autores, a reprodução como um fator determinante da subordinação das mulheres.Essa tese não consegue explicar por que hoje ainda não houve a libertação das mulheres mesmo elas tendo, como diz Giddens[33], acesso à *métodos modernos de contracepção, acesso à inseminação artificial podendo a reprodução ocorrer sem atividade sexual ,(...).*

Para as chamadas feministas radicais a reprodução tinha um lugar demasiadamente importante sobre as causas da subordinação feminina. As funções reprodutivas femininas eram percebidas como culturalmente inseridas na produção da desigualdade sexual.

As feministas socialistas entendiam que havia uma identidade comum a todas as mulheres, no sentido da universalidade da opressão, com base tanto na genitália como na dominação cultural e social masculina. Com este pensamento, defendem que se lutem, simultaneamente, contra todas as contradições básicas da sociedade regida pelo patriarcado e o capitalismo, diferenciando-os, mas não priorizando-os, para se conseguir uma ação efetiva e capaz de erradicar a discriminação histórica e assim estabelecer as bases para a construção de uma sociedade igualitária e democrática.

---

[33] GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade:sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.*Editora UNESP , São Paulo, 1993, p.37.

Mas tanto as feministas radicais como as chamadas feministas socialistas defendiam uma determinada concepção de política, que se opunha à concepção da esquerda, influenciada pelo marxismo tradicional, que pensava a política como um discurso *racional*, que tendia a definir a exploração de acordo com critérios determinados economicamente. A defesa do enfrentamento dos fatores culturais, ideológicos e os conflitos gerados pelas relações de poder como determinantes no processo de opressão influenciou, posteriormente, as análises feministas socialistas, que passaram a considerar a relação de exploração e subordinação das mulheres na vida cotidiana. As relações desiguais de poder e de opressão, que são reproduzidas no cotidiano, se estendem às mulheres brancas e ricas e que pertencem ao grupo opressor como também as pobres e negras e demais mulheres dos grupos oprimidos. Mas a opressão das mulheres, articulada com a situação de classe social, agrava –se e resulta em interesses antagônicos. *As f*eministas socialistas da década de 1970, a partir da valorização da experiência vivida pelas mulheres no cotidiano, passam, assim, a considerar que as experiências de dominação deveriam ser vistas, também, no espaço do privado, nas relações da intimidade, na vida do dia a dia permeada pelas relações desiguais de poder.Poder este, que não é estático e circula entre *femininos e masculinos*.

A redefinição do projeto político feminista supõe a percepção de que há uma profunda relação entre o micro e o macro poder, que passa a ser importante na produção teórica e na prática política, quando teoria e experiências desvendam uma multiplicidade de relações de poder presentes em todos os aspectos da vida social.Como mostra Saffioti;

> *trata-se de processos micro e processos macro atravessando a malha social.Não há um plano macro e um plano micro(...) há uma malha grossa e uma malha fina,uma sendo o avesso da outra e não níveis distintos(p.86).*

O que as feministas liam nos anos 1970?

...sujeito não é apenas (aquela pessoa) que age, mas também que elabora sobre o seu estado e sua ação[34].

O feminismo presente nos jornais e aquele que orientava a vida cotidiana das militantes foram influenciados tanto pelas questões teóricas mas também pelas idéias libertárias que repercutiram na construção da identidade feminista dessas mulheres.

A formação política, a trajetória de compromisso social adquirida das mais diferentes formas foram determinantes para aproximar essas militantes da vanguarda do movimento de mulheres de 1975 a 1980, no Brasil, com as militantes comunistas e socialistas, cujas vidas foram dedicadas à causa da transformação revolucionária da sociedade.[35].

Como escreveu Maria Moraes[36] (1996), na bibliografia básica de qualquer militante feminista dos anos 1970, não poderiam faltar autoras como Alexandra Kollontai, Simone De Beauvoir e Juliet Mitchell[37]. Portanto, a leitura das obras dessas mulheres é fundamental para entender o pensamento e as transformações na vida privada das feministas socialistas brasileiras. Tomaremos como referência, o texto do Caderno da Associação de Mulheres, de agosto de 1979, que apresenta o pensamento e

---

[34] GOUVEIA, Taciana Maria de Vasconcelos. "Repensando alguns conceitos: sujeito, representação social e identidade coletiva". Dissertação de Mestrado. Departamento de Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco (Mimeo). 1993,p.31.

[35] Nesta bagagem, estavam os escritos de Rosa de Luxemburgo, Alexandra Kollontai e Clara Zektin; sob a bandeira do anarquismo, Emma Goldman, e do socialismo, Flora Tristan; do existencialismo, com influências da psicanálise, Simone De Beauvoir, e também, Juliet Mitchel, ativista do Movimento Feminista inglês; todas dedicaram grande parte de suas vidas à causa socialista e à questão das mulheres, e influenciaram as feministas brasileiras muito mais que qualquer feminista radical.

[36] MORAES, Maria Ligia Quartim de. *Vinte anos de Feminismo*.Tese de livre docência apresentada no Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP. São Paulo, 1996.

[37] Juliet Mitchell nasceu na Nova Zelandia em 1940 mas viveu na Inglaterra, onde se destacou como militante de esquerda e feminista. Seu artigo: *Mulheres: a revolução mais longa* foi um dos textos teóricos das feministas brasileiras nos anos de 1970.

as propostas de oito grupos feministas, no Brasil.[38]

Maria Moraes ao discorrer sobre as leituras que naquela época influenciavam as feministas lembra que:

> *as preferências literárias das feministas revelam a preocupação com certas questões centrais para as quais o marxismo fornecia um modelo explicativo (...) as teses de Marx e Engels sobre as origens da família e da propriedade privada constituem uma contribuição básica para a formulação da teoria da opressão.*[39](p.14).

Relendo os jornais, tanto *O Brasil Mulher* como o *Nós Mulheres*, constatamos como Simone de Beauvoir (1908-1986), Alexandra Kollontai (1872 a 1952), Clara Zetkin (1857 a 1933), influenciaram as feministas da década de 1970, em suas vidas particulares. Os jornais feministas inovaram com a linguagem, priorizavam as desigualdades que enfrentam as mulheres no mercado de trabalho: a educação diferenciada, a dupla jornada de trabalho etc. Enquanto as feministas de classe média, estudantes universitárias e profissionais liberais, e as militantes da esquerda responsáveis por esses jornais, dirigidos às mulheres trabalhadoras, viram suas vidas transformadas na prática feminista e sob esse aspecto, aproximaram-se muito das reflexões de Beauvoir e Kollontai sobre o amor, a paixão e a liberdade, por exemplo.

O que difere a obra de Alexandra Kollontai de outras produções socialistas de sua época é a introdução da temática do amor, da paixão e da liberdade no debate

---

[38] O caderno da Associação de Mulheres foi fruto da associação constituída, por parte do coletivo, encarregado de editorar o *Nós Mulheres*, separado deste, numa cisão interna do grupo, cujo nome passou a ser *Nós Mulheres*, mantendo, como grupo, o nome do jornal, cuja editoração havia sido encerrada.

[39] MORAES, Maria Ligia Quartim de. *Vinte anos de Feminismo*.Tese de livre docência apresentada no Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP. São Paulo, 1996,.p.14.

político, pós-revolução proletária de 1917, na então União Soviética, tão envolvida com as questões materiais de transformação da sociedade. Havia o desejo de dar uma nova qualidade às relações entre mulheres e homens, a necessidade de incorporar as temáticas relacionadas à sexualidade, ao indivíduo e à subjetividade, no pensamento marxista.

No momento político em que as feministas brasileiras tiveram acesso aos textos não só de Kollontai e De Beauvoir, como de W Reich vivia-se a crise nas relações sociais e culturais entre homens e mulheres, provocada, inclusive, pela vivência política, pela clandestinidade, pelo exílio de algumas e especialmente, pela contestação que essa geração fez ao modelo familiar tradicional.

O marxismo põe em questão a família patriarcal, o casamento monogâmico e as relações entre homens e mulheres baseadas em favores ou interesses econômicos. Prega-se, não abertamente, o amor livre, ressignificam-se as relações individuais, o que é bastante instigador, diante do machismo dos companheiros, para incentivar as mulheres a abraçar estas idéias.

Foi Kollantai, entre as *comunistas* de sua geração a que abordou a questão do amor, em suas múltiplas determinações, este sentimento visto como individual, apolítico e ahistórico é apresentado por ela numa perspectiva sócio-histórica, que oferece pistas para a formulação de uma politização do cotidiano, apontando para a necessidade de superar as determinações econômicas da sociedade patriarcal e capitalista, construindo novos patamares ideológicos e culturais, o que orientaria as relações individuais e coletivas. *O amor não é uma questão privada, como parece à primeira vista*, diz Kollontai[40], completando:

> *(...) O amor é, antes, um precioso fator social, que a humanidade maneja instintivamente, segundo os interesses da coletividade. Serão os trabalhadores, armados com o método*

[40] KOLLONTAI, Alexandra.*A nova mulher e a moral sexual.*rio de Janeiro, Editora Global, 1975, p.150..

> *científico do marxismo e com a experiência do passado, os que compreenderão o lugar que a nova humanidade deve reservar ao amor, nas relações sociais (...). (Carta à Juventude Proletária).*

Simone de Beauvoir[41] (1908-1986) tornou-se conhecida e reconhecida como uma mulher revolucionária para sua época, graças as suas idéias e atitudes. Portanto, não foi apenas pelo que escreveu, mas por seu exemplo de vida, que Simone de Beauvoir tornou-se uma feminista, mesmo quando não assumia sê-lo. Sua convivência com Sartre[42], sendo que ambos mantinham-se independentes e preservaram suas identidades individuais e próprias. Eram políticos e intelectuais, e também, como casal, divulgaram uma filosofia e uma vivência existencial, que influenciaram gerações. Era público o estilo de vida de ambos, como casal, que questionava a família, o casamento monogâmico, e defendiam, de forma especial, o *amor livre*. Simone de Beauvoir questionou a maternidade como destino das mulheres, criticou o trabalho doméstico ser exercido pelas mulheres e divulgou, com seu exemplo, um estilo de vida atraente aos jovens rebeldes das décadas de 1960/1970, com suas atitudes e posicionamentos corajosos para a época.

Moraes afirma que[43]:

> *"(...) A maior contribuição dentro do marxismo ocidental, encontra-se na obra de Simone de Beauvoir, nascida do diálogo da filosofia existencialista francesa com o marxismo. De fato, pode-se dizer, a justo título, que O segundo sexo, é o corão ou a bíblia das feministas do mundo inteiro."*.

---

[41] A leitura dos Cadernos Pagu sobre Simone de Beauvoir e os feminismos do século XX, organizado por Marisa Correia, é uma coletânea de textos imprescindível para quem quer conhecer o pensamento de Beauvoir.

[42] Jean-Paul Sartre nasceu em Paris no dia 21 de junho de 1905 e morreu em 15 de abril de 1980. Era filósofo, escritor e critico. Destacou-se como representante do existencialismo (o ser humano primeiro existe e depois se define). N.A.)

[43] MORAES, Maria Ligia Quartim de. *Vinte anos de Feminismo*.Tese de livre docência apresentada no Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP. São Paulo, 1996, p.31.

Juliet Mitchell, militante de esquerda e feminista destacada da década de 1960, escreveu o artigo *Mulher: A Revolução mais Longa*, em 1966, que influenciou feministas do mundo inteiro. Moraes traz Mitchell quando ela se refere a Simone de Beauvoir:

> *"O segundo sexo é, até hoje, a maior contribuição sobre a subordinação das mulheres, considerada isoladamente. E a principal inovação teórica de Beauvoir foi a de unir as explicações econômicas e reprodutivas da subordinação das mulheres, por meio de uma interpretação psicológica de ambas."*[44]

O segundo sexo foi escrito, num momento, em que não havia um movimento feminista organizado, que pudesse oferecer suporte a Beauvoir. Tornou-se uma referência para o feminismo que floresceria em décadas posteriores. A tese principal dessa obra, publicada em dois volumes, sendo que o primeiro foi intitulado *Fatos e Mitos* e o segundo, *A Experiência Vivida*, constata que na relação homem-mulher, a mulher é sempre o *outro*. Essa constatação é a base para a tese da *alteridade*, na qual a mulher é vista como o negativo da relação homem e mulher, desde o início da história da humanidade. Considerada como o segundo sexo, é atribuída a ela, à mulher, uma condição de hierarquia,de inferioridade e de subalternidade na sua relação com o seu eu. A mulher necessitaria de um complemento que seria o homem.

Nessa obra de Beauvouir, dois conceitos são desenvolvidos e serão citados e interpretados por muitas feministas, no mundo inteiro, nessas mais de cinco décadas, desde que o livro foi publicado pela primeira vez, em 1949: são os conceitos de situação e de alteridade.

O conceito de *situação*, definido por Beauvoir, pode ser resumido no seguinte trecho do volume I, do *Segundo Sexo:*

> *O que define de maneira singular a situação da mulher é que,*

[44] Idem, Ibidem,p.11.

> *tendo, como qualquer ser humano, o desejo a uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição de outro. (...) O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito que se põe sempre como essencial e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial" (Beauvoir, 1997, v. I p. 23).*

Simone de Beauvoir parte da dualidade e do conflito entre o sujeito e o outro. No Volume II de *O segundo sexo*, ela explica a condição da mulher a partir de sua situação, sem recorrer a fatores de ordem biológica ou de essência. Demonstra que essa situação vivenciada pela mulher instaura e perpetua um divórcio entre a condição humana de transcendência e sua condição feminina de imanência. O fundamental é: enquanto a mulher estiver presa ao lar, ela só poderá transcender, através (sic) da intermediação masculina, argumenta Beauvoir

Por outro lado, sua famosa frase, *Ninguém nasce mulher, torna-se mulher* , com a qual inicia o segundo volume de *O segundo sexo, A Experiência Vivida*, continua sendo uma afirmação da subordinação das mulheres, em seu aspecto cultural e não biológico, pois parte do princípio que mesmo quando se nasce com uma biologia feminina, este ser humano, vai construindo-se socialmente e culturalmente mulher.Nega-se o *destino biológico, psíquico, econômico que transforma cada menina numa futura dona-de-casa ou numa mãe*. Quanto à citada frase, *Ninguém nasce mulher torna-se mulher*, Saffioti explica a sua importância[45]

> *Creio que aí reside a manifestação primeira do conceito gênero. Ou seja, é preciso aprender a ser mulher, uma vez que o feminino não é dado pela biologia, ou, mais simplesmente, pela anatomia, e sim, construído pela sociedade. Evidentemente, Beauvoir não possuía os conceitos e teorias com que contamos atualmente,*

[45] Cadernos Pagu (12) 1999, or.por Mariza Correa, p.160.

mas se dirigiu certeiramente ao ponto essencial .

Os conceitos de *situação* e de *alteridade*, como são compreendidos na produção de Simone de Beauvoir, estão presentes nos estudos feministas que assumem posteriormente, a categoria analítica de *gênero*. Esse conceito de situação, mostra, que as mulheres atuam num mundo no qual o contrato social é patriarcal e a mulher é o outro, o complementar negativo, assim as mulheres se movem num espaço de poderes e de conflitos, em que ela é o pólo negativo . Surge, assim, a idéia de que a subordinação a que estão sujeitas as mulheres é socialmente construída. Assim como também desigualdades sociais entre as próprias mulheres, ou entre mulheres e homens, ou entre os próprios homens, são construídas social, econômica e politicamente.As discriminações sociais conforme as classes sociais, a origem étnico-racial ou a orientação sexo-afetiva são política e socialmente construídas. Não fazem parte da natureza ou são naturais.. Desta maneira, a *subordinação* é revelada como sendo resultado de um processo sócio-histórico e não apenas cultural.

Saffioti, em sua avaliação sobre *O segundo sexo*, lembra, ainda, que não se pode negar dois fatos, em relação a esta obra de Beauvoir: seu pioneirismo e sua influência em muitas gerações, assim como na academia. Elogia a coragem e o espírito inovador, ao abordar a questão da mulher na França, recém saída da ocupação alemã, em 1949.Também Saffioti ressalta a forma de como se deu a adesão de Beauvoir ao existencialismo.

> *"A meu ver, não faz sentido concluir que sua adesão (a de Simone) ao existencialismo decorreu de sua menor importância em relação a Sartre, ou de sua subordinação a ele, na relação amorosa. Dependentes emocionais somos todos nós, homens e mulheres, quer nas relações amorosas, quer nas relações de amizade (...). Simone mostrou-se capaz, não apenas de inovar em suas condutas, como de persistir em inovações [46]reprovadas pela sociedade de então. Manteve, por décadas, uma relação amorosa aberta, fez vários abortos, recusou-*

[46] Alice Schwarzer nasceu em 03/121942 em Wuppertal, Alemanha e tornou-se uma proeminente feminista alemã. Participou ativamente da construção do Movimento de Libertação das Mulheres em paris e o levou para Alemanha.

se a ter filhos, lutou por causas que, ainda hoje, se consideram justas, mas ousadas e chegou a amar outra mulher"[47]

Beauvoir, em fevereiro de 1972, numa entrevista feita pela Alice Schwarzer , em Paris, fala sobre a dificuldade em se assumir feminista:

> *"No final de **O segundo sexo**, eu disse que não era feminista, porque pensava que a solução dos problemas femininos devia ser encontrada numa evolução socialista da sociedade. Para mim, ser feminista era bater-se por reivindicações especificamente femininos, independentes da luta de classes. Hoje, conservo a mesma definição: chamo feministas as mulheres, ou mesmo, os homens que lutam por modificar a condição da mulher, evidentemente, em ligação com a luta de classes, porém, fora dela, sem subordinar inteiramente essa mudança à da sociedade. Diria, assim, que hoje sou feminista dessa maneira. Porque percebi que é preciso, antes da chegada do socialismo com o qual sonhamos, que se lute pela condição concreta da mulher. E, por outro lado, também, verifiquei que, mesmo nos países socialistas, essa igualdade não foi conseguida. É preciso, portanto, que as mulheres tomem seu destino nas mãos. É por isso que estou agora participando do Movimento de Libertação da Mulher.*

Este texto ilustra o preconceito em relação ao termo feminismo. Explica,em parte por que as feministas em 1975, tenham relutado tanto em se autodefinirem como feministas, no primeiro editorial do *Brasil Mulher*, com a explicação posterior de que havia um grande preconceito entre as próprias mulheres, organizadas ou não, em relação a este termo, que era confundido como guerra contra os homens ou com *sexismo*. O significado de *sexismo* é a crença, fundamentada numa série de mitos, na superioridade do sexo masculino. Essa crença se traduz numa série de privilégios para esse sexo, que é considerado superior. Ao tratarem as feministas como sexistas, na verdade, querem dizer que as feministas se consideram

[47] Cadernos Pagu (12)1999.p.158.

superiores aos homens e que deveriam ter privilégios. A palavra feminismo carrega muito preconceito até os dias de hoje. Beauvoir sempre valorizou atributos do mundo masculino como trabalho e autonomia, em detrimento da maternidade e dos chamados atributos femininos. Esse é um dilema, também, presente nas representações de algumas mulheres da esquerda.

Moraes lembra que a sensação de desconforto com a condição feminina é o eixo articulador de quase todos os romances de Simone de Beauvoir .

Simone de Beauvoir escreveu vários livros autobiográficos, tais como *Memórias de uma moça bem comportada*, *Na força da idade*, *Sob o signo da história e A Velhice*. Provavelmente, quase todos estes livros foram, ao longo dos anos, incluídos nas bibliotecas das feministas.

Não se pode esquecer que, no final da década de 1940, Simone de Beauvoir ainda era uma voz isolada, quando escreveu o livro *O segundo sexo*, que denuncia as raízes culturais da desigualdade sexual. Entretanto, nas décadas de 1960/1970, era lido por jovens mulheres, no mundo inteiro, consultado na academia assim como em outros espaços.

Juliet Mitchell

Juliet Mitchell é a teórica feminista que mais se identifica com as propostas dos dois jornais em questão, conforme as feministas protagonistas da imprensa feminista dos anos 1970. A posição política socialista e a formação teórica marxista de Mitchell a torna preocupada com os rumos do movimento das mulheres. Ressalte-se que Juliet Mitchell ancorava sua análise numa leitura althusseriana.

Em 1968, quando veio ao Brasil, Mitchell já havia escrito o famoso artigo de 1966, *Mulheres: a revolução mais longa*, no qual considera *imprescindível* para a

libertação das mulheres uma transformação de todas as estruturas nas quais elas estão integradas: numa *unité de rupture*, como chama esta unidade complexa, que é o elo mais fraco da cadeia, por meio do qual se rompe toda a cadeia.

O livro mais importante de Juliet Mitchell é *Woman's State* (1971), nunca foi traduzido para a língua portuguesa. Mas a edição francesa, sob o título *L´âge de femme* foi lido por muitas brasileiras exiladas em Paris. Mas a maioria das feministas brasileiras da década de 1970 leu de Mitchell foi seu artigo da"*New Left Review*", que foi publicado na *Revista da Civilização Brasileira*, com o título *Mulheres, a revolução mais longa*, é, segundo Moraes, *sem sombra de dúvida, o mais importante texto teórico do feminismo marxista*[48].

A tese fundamental de Mitchell é a de que o feminismo surgido nos meados da década de 1960 inaugura uma nova radicalidade em relação às lutas feministas anteriores. Em primeiro lugar, a tomada de consciência entre as feministas de que o oprimido (o operário) também é opressor (das mulheres), representa uma crítica ao obreirismo socialista. E, em segundo lugar, perceber que

> *a opressão da mulher manifesta-se tanto na miséria econômica quanto na cultural, e em todas as classes sociais.*[49]

Nos textos feministas escritos nos cadernos da *Associação* de *Mulheres* e nos editoriais dos dois jornais, a idéia de Mitchell está presente.

> *Na condição de feminista socialista, Juliet Mitchell passa em revista a análise da mulher, na teoria socialista, afirmando que a subordinação do sexo feminino foi reconhecida pela grande maioria dos pensadores socialistas do século XIX, mas com uma formulação genérica e abstrata. A própria contribuição de Marx a este respeito permaneceu mais no nível filosófico, como*

[48] MORAES, 1996,p.41.
[49] MORAES, 1996, p. 44.

> *acontece em **A sagrada família,** quando aponta a situação da mulher como o mais poderoso índex do progresso humano sobre o animal, do cultural sobre o natural (...) Nesse sentido permaneceu, como Fourrier, no aspecto simbólico da opressão da mulher, concedendo uma importância universal ao problema, mas, ao mesmo tempo, privando-o de substância"*[50].

Juliet Mitchell (1966) lembra da importância de Fourrier, o mais ardente advogado da libertação das mulheres e da liberdade sexual, e cita uma passagem da obra dele:

> *(...) A mudança, em uma época histórica, sempre pode ser determinada pelo progresso das mulheres no sentido da liberdade, porque, na relação da mulher com o homem, do fraco com o forte, é mais evidente a vitória da natureza humana sobre a brutalidade.* (...)

Marx, acrescenta Mitchell, deu, em *A sagrada família*, uma característica mais universal e filosófica à família, e não via como Fourier[51], a vitória do humano sobre o brutal (1966, p. 8). A mulher, nos escritos do jovem Marx, aponta Juliet Mitchell, transforma-se numa entidade antropológica, numa categoria ontológica da espécie a mais abstrata por considerá-la como um subproduto da evolução da família e da propriedade privada..

No texto *Mulheres, a revolução mais longa,* Mitchell apresenta a discussão sobre a diferença existente entre o grupo das mulheres e a de qualquer outro grupo social, pois as mulheres são essenciais, insubstituíveis e fundamentais, para a condição humana, sendo, marginais, em seus papéis econômicos, sociais e políticos. Considera que o desenvolvimento das forças produtivas e a inserção das mulheres no mercado de trabalho, na sociedade capitalista e patriarcal, leva-as a ter um papel no mundo dos

---

[50] MORAES, 1996, p.45.

[51] Charles Fourier (1772 – 1837) era um filósofo Frances pertencente ao "socialismo crítico-utópico".

homens. Demonstra o conflito entre o público e o privado, pois mesmo participando do mercado de trabalho, é oferecido um lugar, um universo próprio, para as mulheres na família, demonstra como esta contradição entre o público e o privado se expressam nas experiências cotidianas das mulheres. Contesta as análises que entende a família como um objeto natural e não como um *alicerce* desta sociedade e afirma a concepção da família e da discriminação das mulheres como uma criação cultural, questionando as análises marxistas centradas unicamente na divisão social do trabalho.

Continuando nesta linha de pensamento, Mitchell reconhece que Marx e os demais socialistas têm tradicionalmente questionado a família e deles têm partido iniciativas de se pensar uma sociedade em outras bases, que não seja o modelo de sociedade que tem como base a família patriarcal-burguesa[52]. Não se pode falar da família como tal, definindo-a de forma abstrata, porque a família é socialmente determinada, revelando-se em suas relações sociais mais amplas. Entretanto, é preciso entender a lógica desta relação, para não se incorrer no erro de compreender a família simplesmente como um subproduto da evolução da família e da propriedade privada, diz Mitchell. Ela comenta, no artigo citado, a declaração de Engels, em *A origem da Família, da Propriedade e do Estado*, obra muito citada pelas feministas socialistas brasileiras:

> *(...) O primeiro antagonismo dentro da espécie humana, coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher no casamento monogâmico, e a primeira opressão de classe, com a do sexo feminino pelo masculino (...)* [53]

---

[52] Para mostrar que os socialistas negam a família, e que isto se revela até no tratamento que se dá entre membros de um grupo, ela ilustra com um exemplo: os socialistas chamam os que pertencem ao seu grupo de *camarada* e não de *irmão*, como fazem as igrejas e outras agremiações, que têm, como objetivo, fortalecer a família.

[53] *(1966, p. 9)*

Para Moraes (1996), a pergunta de Beauvoir era: *Por que somos o outro?*, e sua resposta está em *O segundo sexo*, obra na qual ela (Beauvoir) analisa, numa perspectiva psicanalítica, mitos e vivências, *mas não apresenta alternativas que não seja a própria negação da feminilidade e uma vaga esperança no socialismo* (p.42). Diferentemente de Beauvoir, o foco da análise de Mitchell é o movimento de libertação das mulheres, com o qual se encontra preocupada e no qual fundamenta sua perspectiva e tendo como base a sua análise psicanalista.

Outro livro de Juliet Mitchell, ao qual as brasileiras tiveram acesso, a partir de 1979, é *Psicanálise e Feminismo: Freud, Reich, Lang e as mulheres.* Neste texto, Mitchell defende a tese de que a teoria freudiana e a psicanálise como um todo, são importantes para o feminismo, chegando a afirmar que a rejeição por parte das feministas de Freud e das obras da psicanálise poderá ser fatal para o feminismo.

Neste livro, Mitchell estabelece um dialogo com Freud, sob o título *Uma mulher fabricada,* no qual discute, com base nos conceitos freudianos, o inconsciente, a sexualidade pre-edipiana, o masoquismo, o complexo de castração. Aborda a política sexual proposta por Reich e Lang para complementar seu diálogo privilegiado com Freud. Neste texto, diferente do anterior, *Mulheres: a revolução mais longa*, esta autora exemplifica a influência da psicanálise para a corrente de feministas socialistas, com o objetivo de compreender a feminilidade e o patriarcado.

Mitchell afirma que a subordinação das mulheres é reconhecida de maneira inquestionável na literatura marxista. Entretanto, *esta questão tornou-se, atualmente, invisível, na agenda da esquerda,* escreve Mitchell , em 1966. Esta critica, podemos afirmar, que ainda hoje é muito atual, mesmo considerando os avanços conquistados.

Maria Moraes (1990) ao analisar a *Experiência feminista dos a*nos *setenta*, relaciona a influência do pensamento freudiano nas feministas daquela época:

> *(...) a formulação de Freud é extremamente esclarecedora das relações entre a incorporação inconsciente de valores e amorfos e a estruturação de um Eu empobrecido, acorrentado à dominação cultural. Aquilata a importância da contribuição de Freud para os dias que correm, pois poucos formulariam tão precisamente o nó da questão da opressão feminina é, portanto, render homenagem a um homem que conseguiu se libertar teoricamente dos limites culturais de sua época histórica, abrindo espaço para a mais radical das ciências: a psicanálise (...) Desconhecendo a importância do inconsciente na formação das características culturais femininas, as feministas permaneciam manietadas por uma camisa de força teórica que remetia à biologia as diferenças entre homens e mulheres (...) se as diferenças não são principalmente internas ligadas à estruturação distintas da psique elas só poderiam se explicar pelas características físicas, ou seja, pelas distinções anatômicas (Moraes, 1990, p.107).*

A corrente psicanalítica, associada ao marxismo, tem importância nas análises feministas que se iniciam com Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo* (1949). E mais tarde, adotada por Mitchell em seu livro *Psicanálise e Feminismo (1979)*.

Entretanto, existia pouca reflexão e elaboração teórica nessa geração de feministas pós-maio de 1968, sobre a sexualidade em geral e a feminina, em particular, como resultado não só da escassez de obras cientificas sobre a questão, como, também, pela característica da própria militância[54].

Faltava à época uma história da opressão e da emergência das mulheres, sobretudo a partir das próprias latino-americanas, asiáticas e africanas. Toda história da mulher apresentada naquela época foi centrada a partir das européias.

[54] MORAES,1990.